

EDUCAÇÃO SEXUAL PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

SEX EDUCATION TO CONFRONT SEXUAL VIOLENCE AGAINST CHILDREN AND ADOLESCENTS IN VULNERABILITY SITUATIONS: EXPERIENCE REPORT

Beatriz Torres da Silva¹
Breno de Oliveira Ferreira²
Consuelena Lopes Leitão³

Resumo: A violência sexual contra crianças e adolescentes, em outros contextos sócio-históricos, já foi naturalizada e incentivada. Somente a partir do século XX, passou a ser compreendida como um problema de saúde pública. Como forma de proteção à dignidade infanto-juvenil, a educação sexual vem sendo utilizada por diferentes instituições. Em contrapartida, encontra desafios provocados por tabus e desconhecimento das técnicas propostas. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência em um projeto de extensão que propôs oficinas lúdicas para tratar da educação sexual como enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em uma comunidade na cidade de Manaus, no estado do Amazonas. O Arco de Maguerez proposto por Bordenave e Pereira (1989) foi a metodologia aplicada para a organização deste relato que teve como resultado a adesão do público participante às oficinas, bem como a percepção de que a seleção das atividades lúdicas favoreceram o processo de acolhimento e trouxeram menos resistência para os debates da temática em questão.

Palavras-chave: Educação Sexual. Vulnerabilidade Infanto-juvenil. Relato de Experiência.

Abstract: *Sexual violence against children and adolescents, in other socio-historical contexts, has already been normalized and even encouraged; it is only in the 20th century that this behavior has begun to be recognized as a public*

¹ Graduação em Psicóloga pela Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia, UFAM. beatrizt2340@gmail.com

² Doutor em Saúde Coletiva, Psicólogo, Pedagogo, Docente, Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia, UFAM. breno@ufam.edu.br

³ Doutora em Antropologia, Psicóloga, Docente, Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Psicologia, UFAM. consuelena@gmail.com

health issue. Various institutions have employed sex education as a means of safeguarding the dignity of children. On the other hand, it encounters challenges caused by taboos and lack of knowledge of the proposed techniques. The objective of this work is to report the experience of an extension project that proposed ludic workshops to deal with sex education as a way to face sexual violence against children and adolescents in a community in the city of Manaus, in the state of Amazonas. The Arch of Maguerez proposed by Bordenave and Pereira (1989) was the methodology applied to organize this report, which resulted in the participation of the attending public in the workshops, as well as the perception that the selection of recreational activities favored the process of reception and brought less resistance to the debates on the subject in question.

Keywords: Sex Education. Child and Youth Vulnerability. Experience Report.

INTRODUÇÃO

Os diferentes debates em torno das questões de gênero e de sexualidade têm ocupado cada vez mais espaço nos dispositivos sociais. A todo instante, diferentes discursos se contrapõem, configurando-se num quadro de avanços e recuos na luta pela igualdade no Brasil. Foucault (2012) pontua sobre a hipótese repressiva da sexualidade, ressaltando que ela não pode ser vista apenas como um dado da natureza, mas como uma força positiva preocupada com a administração e o cultivo da vida que não se expressa com base na proibição, mas na administração do que deve ser feito.

Face às várias expressões e redes de corpos e sexualidade, autores têm apresentado definições sobre o que entendem por educação sexual (WEREBE, 1998; FIGUEIRÓ, 2001; NUNES, SILVA, 2006; BRUESS, GREENBERG, 2008). Para eles, a educação sexual é a maneira pela qual a escola proporciona aos estudantes, de forma intencional e sistematizada, informações e reflexões necessárias para a sua saúde, desenvolvimento, bem-estar e

formação integral e emancipadora. Cabe aqui salientar que a sexualidade engloba diversos outros aspectos da vida humana e que também se manifesta em todas as etapas do desenvolvimento.

Amaral *et al.* (2017) destacam que a sexualidade é uma dimensão importante da vida humana que inclui o sexo, gênero, identidade, papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Neste sentido, considerando os desafios relacionados à implantação da educação sexual nas escolas e reconhecendo-a como um instrumento de transformação social que é capaz de contribuir para mudanças individuais e coletivas, mostra-se tão relevante e oportuno disseminar experiências de educação sexual para além do contexto escolar, especialmente, aquelas próprias de comunidades vulneráveis, e que dialoguem com crianças e adolescentes com dificuldades de acesso à saúde e educação.

Partindo dessa problemática, um conjunto de estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, acompanhados por docentes, desenvolveram um projeto de extensão

universitária no bairro Educandos, na cidade de Manaus, Amazonas, com enfoque na educação sexual comunitária. Com isso, o objetivo deste artigo foi relatar a experiência do referido projeto enquanto proposta de educação sexual para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em uma comunidade vulnerável no cenário Amazônico.

A metodologia adotada para embasar o relato tem como foco a Metodologia Problematizadora ou Arco de Maguerez, segundo Bordenave e Pereira (1989). O método utilizado é caracterizado pela presença de cinco etapas que balizam o estudo crítico e reflexivo de um ou mais problemas, bem como instiga a proposta de sugestões para transformar o cenário encontrado, conforme esboça a Figura 1.

Figura 1: Arco de Maguerez



Fonte: Próprios autores, 2023.

Inicialmente, a etapa de observação da realidade é descrita como o momento em que os discentes conhecem e registram suas impressões diante da parcela de

realidade vivenciada. Para identificar os pontos-chave, é dado início ao levantamento de questionamentos para compreender o problema e encontrar propostas de intervenções na realidade. Durante a teorização, procura-se informações sobre o problema identificado, sendo possível realizar buscas por meio de pesquisas já publicadas. Na sequência, são elaboradas as hipóteses de solução, momento em que são delineadas as propostas de intervenção. Finalmente, na fase de aplicação da realidade, são fornecidas as respostas dos estudos realizados visando a transformação da realidade em algum grau (BERBEL, 1998).

OBSERVAÇÃO DA REALIDADE

Esta etapa foi vivenciada por meio do processo de territorialização no/do bairro. Durante este processo, foram estabelecidos contatos iniciais com alguns moradores e líderes comunitários, mais especificamente com aqueles que residiam em uma das áreas constituídas por palafitas. O grupo de pessoas contactadas expôs demandas de cunho pessoal e coletivo, permitindo desta maneira, o acesso a perspectiva que os próprios moradores possuem sobre sua realidade e vivências locais. Nesta etapa, considerou-se o conceito analítico de territorialidade que segundo Medeiros (2009), compreende tanto a identificação como a apropriação do lugar. Ao morar em um espaço e tomar consciência de sua participação, as pessoas o transformam em um território, podendo construir vivências significativas.

Finalizada a territorialização, o grupo composto por estudantes de Psicologia, juntamente com os docentes, resgatou os apontamentos levantados pelos moradores

entrevistados, bem como os registros nos diários de campo, e puderam construir referências para as etapas seguintes.

PONTOS-CHAVE

Educandos é um bairro de Manaus localizado na Zona Sul da cidade, uma região que recebe um grande fluxo de pessoas diariamente por ser um importante centro comercial. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população em 2010 era de 15 857 habitantes. O bairro é localizado em uma região de igarapés, onde há presença de casas conhecidas como palafitas. Santiago (2016) destaca que, em 2013, o Educandos foi o quarto bairro com maiores ocorrências relativas ao tráfico de substâncias ilícitas, no entanto, ao analisar os valores relativizados pela população residente, o Educandos ficou em primeiro lugar no que tange ao número de ocorrências. Referente a um dos acontecimentos de grande repercussão no Educandos, em dezembro do ano de 2018, o bairro foi cenário de um incêndio que atingiu aproximadamente 600 residências e deixou mais de 1.500 pessoas desabrigadas.

A partir da realidade observada, no que diz respeito aos problemas, foram levantadas questões mais complexas que permeiam as temáticas de ordem social, surgindo, principalmente, o debate sobre a produção de vulnerabilidade de crianças e adolescente no bairro. Hino *et al.* (2018) destacam que a vulnerabilidade à violência infanto-juvenil deve ser analisada e enfrentada na interface entre dimensões individuais e coletivas. A primeira corresponde à criança ou adolescente e sua família, sobretudo seu agressor, em uma relação indissociável, e a segunda é

determinante não só dos recursos sociais de enfrentamento e prevenção, como também da própria dimensão individual. Diante do exposto, foi definido o seguinte ponto-chave: a violência sexual contra crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade.

TEORIZAÇÃO

Durante a etapa de reflexão sobre os pontos-chave, houve a necessidade de realizar o levantamento de informações que dizem respeito a violência sexual contra crianças e adolescentes, e a educação sexual enquanto estratégia de intervenção comunitária.

A violência sexual contra crianças e adolescentes é caracterizada por quaisquer atos ou jogos sexuais que partem de um ou mais indivíduos que esteja(m) em estágio psicosssexual mais adiantado que a vítima e que estimulem sexualmente a criança ou adolescente com a intenção de obter satisfação sexual (BRASIL, 2010).

No que tange à repercussão da violência sexual na vida da vítima, algumas revisões literárias citam os impactos negativos na autoestima, que levam aos indicativos de depressão e transtorno de estresse pós-traumático, afastamento da família, uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, comportamento sexual de risco, e a ideação suicida. Na sequência, os artigos analisados reiteram ainda que as crianças e adolescentes do sexo feminino são as principais vítimas deste tipo de violência, enquanto os principais agressores são conhecidos da vítima (OLIVEIRA, 2020; CRUZ, 2021).

Segundo Soma e Williams (2017), ao pensar em estratégias para a prevenção e o

enfrentamento da violência sexual contra crianças, há necessidade de incluir todos os sujeitos que tenham contato com a criança, inclusive ela mesma. Neste sentido, sugere-se ainda que a própria criança participe de intervenções que tenham em sua programação o objetivo de torná-la informada a respeito da violência sexual e que permita que ela desenvolva ferramentas para que, frente a possíveis situação de risco, possa colocar em prática a autoproteção.

Conceituando a educação sexual, Figueiró (2001, p.18) destaca que a temática se refere a “toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana” incluindo as abordagens que perpassam valores, normas e atitudes que se relacionam à vida sexual. Além de participativa e dialógica, a metodologia para a educação sexual deve ser baseada na realidade sócio-cultural, dialógica, criativa e lúdica.

A partir da análise de revisões sistemáticas, ressalta-se que, geralmente, na realidade escolar brasileira, as intervenções dedicadas à educação sexual são esporádicas e com foco na abordagem de situações-problemas já instauradas, de modo que foi observada a preferência por tópicos relacionados à saúde sexual e reprodutiva, como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e de gravidez precoce (MORAES, 2018).

Neste âmbito, destaca-se a necessidade de que a educação sexual alcance os núcleos familiares de crianças e adolescentes para que sejam promovidos diálogos, reflexões e acolhimento de dúvidas e angústias relacionadas às suas vivências com a temática, de maneira que haja uma articulação com a escola, objetivando que a educação sexual tenha

uma recepção positiva e com menos resistência em outros espaços (ZERBINATI, 2017; MIRANDA, 2021).

HIPÓTESES DE SOLUÇÃO

Diante do cenário encontrado, foi dado início a etapa de organização do plano de ação a partir da coleta de informações realizada previamente. Esses dados apontaram ausência de atividades infanto-juvenis sobre educação sexual, bem como, elevado número de notificações e casos de violência sexual contra crianças e adolescentes na comunidade em questão.

Assim, a hipótese de solução planejada teve como proposta o desenvolvimento de atividades recreativas e oficinas lúdicas direcionadas às crianças e adolescentes do bairro, com o objetivo de trabalhar educação sexual, com ênfase na violência sexual infanto-juvenil. As atividades contaram com a participação de 17 (dezessete) estudantes, 02 (dois) docentes, e 01 (uma) assistente social e líder comunitária que, por sua vez, indicou um total de 15 (quinze) crianças e adolescentes com idade entre 03 (três) e 13 (treze) anos de idade e que residem no bairro do Educandos e proximidades.

Na oportunidade, salienta-se que o quantitativo de crianças e adolescentes que participaram das oficinas não permaneceu o mesmo do início ao fim da programação, uma vez que à medida que as dinâmicas aconteciam, outras crianças e adolescentes se juntavam ao grupo ou se deslocavam para outras atividades.

Neste sentido, as oficinas foram planejadas para o horário de 14h, às quartas-feiras e às 16h às quintas-feiras, em semanas alternadas, e previamente pactuadas com a líder comunitária para

confirmação e organização semanal entre os alunos e os docentes. Referente ao ambiente em que as atividades foram realizadas, foi escolhida uma praça pública localizada no bairro Educandos que é de fácil acesso à comunidade. Deste modo, foram definidos sete momentos para a realização dos encontros.

APLICAÇÃO DA REALIDADE

Para o momento de desenvolvimento do cronograma organizado, a primeira reunião realizada teve como proposta a apresentação do *slackline* e do tecido circense por um psicólogo e instrutor das atividades propostas, que, por sua vez, realizou as primeiras orientações aos alunos, objetivando oportunizar a experiência pessoal, assim como as discussões sobre os impactos da atividade. Para a reunião seguinte, foi realizada uma apresentação do *slackline* para o público infanto-juvenil de modo que os acadêmicos assumissem a postura de mediadores e pudessem orientar o público participante com a supervisão do instrutor e dos professores presentes.

Como planejamento para o terceiro dia de atividades, foi proposta a continuidade da atividade com o *slackline* e foi adicionado o tecido circense como novo recurso. Para a mesma data, o grupo apresentou ainda a sugestão de confecção de crachás de identificação e de uma dinâmica de quebra-cabeças com imagens relacionadas ao enfrentamento a violência sexual. Para o quarto encontro foram oferecidos materiais de desenho para as crianças a fim de conhecer os gostos pessoais do público selecionado, bem como, para que cada participante do projeto pudesse ser acompanhado por duplas de estudantes

objetivando ainda a coleta de possíveis demandas para encaminhamentos necessários. Aos adolescentes presentes, foi realizado o convite para atendimento individual com o intuito de realizar orientações, caso demandadas.

A reunião seguinte incluiu a caça ao tesouro como atividade principal, de maneira que a cada pista encontrada, os participantes também tinham acesso a bilhetes com questionamentos referentes a hábitos de higiene, orientação de proteção das partes íntimas e consentimento. Os questionamentos podiam ser comentados por todos os participantes da atividade e como prêmio, ao final da dinâmica, as crianças e adolescentes receberam bombons.

Referente às seguintes dinâmicas proposta ao grupo, as atividades selecionadas foram o circuito e a “batata quente”. A primeira atividade teve como objetivo oferecer um momento recreativo e de interação entre os participantes do projeto e mediadores, de modo que consiste na organização de um percurso com obstáculos, como bambolês e cordas, para que as crianças pudessem percorrer de acordo com suas possibilidades. A segunda proposta teve por objetivo a análise do conhecimento dos participantes relativos à rede de apoio, autoestima e escolhas pessoais. Durante a “batata quente”, formou-se uma roda de maneira que cada participante pudesse passar a bola para a pessoa ao lado enquanto uma música tocava, na sequência, quando a música era pausada, a pessoa que possuía a bola em mãos deveria responder uma das perguntas ou fazer um comentário frente às questões levantadas.

Para o último dia de atividades, o grupo de acadêmicos, com auxílio dos

orientadores, propôs uma dinâmica para que as crianças e os adolescentes pudessem oferecer uma devolutiva a partir das experiências com as atividades realizadas. Assim, estabeleceu-se como recurso material o uso de cartolinas e canetas coloridas para a realização de desenhos e/ou da escrita em espaços referentes aos pontos positivos, pontos negativos e sugestões relacionadas ao projeto.

AVALIAÇÃO DA REALIDADE

As atividades iniciais de tecido circense e *slackline*, além de terem sido utilizadas como estratégias de acolhimento e vínculo, funcionaram como um método convidativo para despertar a curiosidade das crianças e adolescentes, facilitando assim a aproximação inicial com este público, bem como, possibilitou a apresentação de temas voltados a educação sexual de maneira lúdica. Ao recorrer às modalidades destacadas, foram observadas diferentes dimensões como equilíbrio, persistência, desenvolvimento da solidariedade e superação de obstáculos que, por sua vez, contribuíram para a identificação de potencialidades que podem trazer benefícios à qualidade de vida, como apontam Leitão e Brelaz (2018).

Enquanto as recomendações posturais eram fornecidas a quem estava no tecido circense ou na corda de *slackline*, também foram realizadas perguntas para conhecer o perfil de cada indivíduo, bem como, seus gostos pessoais para brincadeiras e atividades diárias. Durante esta dinâmica, foi possível observar que alguns participantes demonstraram indicativos de introversão e/ou falas como “eu tenho medo”, “não vou conseguir”, “eu não sei

fazer isso”. A partir destes conteúdos verbalizados e observados, a equipe de mediadores das atividades também pôde refletir acerca de quais abordagens seriam mais adequadas para tratar da temática da educação sexual com cada participante beneficiado pelo projeto de extensão.

Conforme observado durante o percurso das atividades desenvolvidas, foi possível destacar que os participantes demonstraram indicativos de desenvolvimento de vínculo com os mediadores dos encontros, de maneira que as crianças passaram a participar mais ativamente a cada reunião, aproximaram-se para fazer contato físico de forma espontânea, manifestando iniciativa para trazer opiniões e questionamentos durante as discussões sobre as atividades.

Durante as atividades lúdicas, quando questionados sobre a rede de apoio frente a possíveis situações de risco a integridade sexual, as crianças expressaram que contariam com o auxílio de familiares como mãe, avó e tia, assim como uma das crianças chegou a mencionar que também pediria ajuda da líder comunitária, a qual esteve presente durante todos os dias de atividades e demonstrou indicativos comportamentais de afetividade para/com as crianças. Como traz Habigzang, Ramos e Koller (2011), a rede consiste em um conjunto de sistemas e de pessoas significativas e que compõem as formas de relacionamentos existentes e percebidos pela criança ou adolescente.

Em relação ao último dia de atividades, tecemos breves considerações a partir dos registros das crianças durante a dinâmica “Que bom! Que pena! E se...”. Neste âmbito, foi possível resgatar que entre os registros das crianças na categoria “Que bom!” um desenho que mostrava uma pessoa com um

“x” nas partes íntimas e ao seu redor a frase “não toque”. Quando questionada sobre o seu desenho, a criança afirmou que durante os encontros aprendeu a proteger o corpo, acrescentando que há partes em que ninguém pode tocar sem sua permissão.

SÍNTESE INTERPRETATIVA

As formas de intervenção no enfrentamento da violência sexual infanto-juvenil requer articulação entre diferentes serviços e atores para a garantia do cuidado integral, interdisciplinar e continuado (OLIVEIRA, 2020). Sem desconsiderar as inúmeras estratégias de ações governamentais e não governamentais, este relato trouxe uma proposta de educação sexual desenvolvida por meio de atividades lúdicas, criativas e esportivas como um terreno fértil de defesa de direitos, além de uma possibilidade de reencontro com a expressividade e a diversidade. Como ressalta Leitão e Ferreira (2023), compreender o lugar das crianças e adolescentes como sujeitos implica em considerar sua agência e protagonismo para admitir a importância de ecoar suas vozes, e integrá-las nos processos de tomada de decisão.

Qualquer criança ou adolescente pode ser considerado potencialmente vulnerável à violência sexual e a estrutura da sociedade e os meios de que dispõe para protegê-la também determinam sua vulnerabilidade. Dessa forma, Hino *et al.* (2018) pontuam que o conceito de vulnerabilidade articula um conjunto de aspectos que extrapola o componente individual, abrangendo questões coletivas e contextuais como determinantes, e por isso é tão importante a ser considerado nas intervenções de educação sexual em comunidades.

Partindo dessas reflexões, ao longo das atividades, foi utilizado o *slackline* como recurso do trabalho educativo e comunitário. Trata de uma estratégia esportiva de aventura relativamente recente, que pode trazer motivação, curiosidade, satisfações, sensação de liberdade e tem como base o equilíbrio, postura e concentração (SILVA, 2010). Já o tecido circense, enquanto um instrumento dentre a multiplicidade da arte circense plasmada no seu rizomático modo de produção e socialização, tem possibilitado trabalhar as práticas protetivas com o corpo (MIRANDA, BORTOLETO, 2018). Neste sentido, Leitão e Brelaz (2018) reforçam que, ao recorrer às atividades como o *slackline* e o tecido circense na comunidade, abre-se um espaço potente para a aproximação entre as pessoas, sem as burocracias geralmente presentes nas unidades de atendimento, sendo, portanto, uma alternativa flexível para intervenções com pessoas em situação de vulnerabilidade.

Na oportunidade, destacou-se que para se discutir sobre a prevenção da violência sexual e outros tipos de agressões contra crianças e adolescentes, também se faz necessário que sejam viabilizadas ações que incluam a participação comunitária de forma ativa, a fim de que haja maior engajamento e responsabilidade social. Uma vez que sejam promovidas estratégias compatíveis com a realidade do grupo-alvo, há abertura para recursos facilitadores de intervenções eficazes. Esta reflexão é reforçada por Zerbinati (2017) e Miranda (2021) ao indicarem a necessidade de que os diálogos sobre educação sexual sejam articulados entre núcleos familiares, crianças, adolescentes e a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste relato, foi possível observar que os participantes aderiram às dinâmicas de forma positiva, bem como, salientou-se que o público alvo já possuía breve conhecimento da temática de proteção do corpo, o que sugere a necessidade de direcionamentos para o acolhimento de dúvidas, o aprofundamento da temática para encaminhamentos necessários e ainda a oportunidade de ampliação da rede de apoio destas crianças e adolescentes. Por fim, destaca-se que, considerando a recepção positiva por parte do grupo participante, assim como a curiosidade que o movimento do projeto causou também em adultos, a necessidade de continuidade das atividades em outros momentos. Deste modo, é possível salientar que a experiência vivenciada instiga a sugestão de possíveis ofertas de oficinas para responsáveis e/ou interessados em contribuir na formação da comunidade no enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Alice., SANTOS, Diana, Paes Helen, DANTAS, Isabele dos Santos, SANTOS, Denise. Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 6, n. 1, abr. 2017, p 63.
- BERBEL, Neusi. *A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?* Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jicse/a/BBqnRMcdxXyvNSY3YfztH9j#>>. Acesso em: 19.nov.2022.
- BORDENAVE, Juan. Alguns fatores pedagógicos. *Revista Interamericana de Educação de Adultos*. Brasília, v. 3, n. 1-2, 1989, p 32-33.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Criança, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violência*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. p 29-30.
- BRUESS, Clint, GREENBERG, Jerrold. *Sexuality Education. Theory and Practice*. 5th ed. Sudbury: Jones and Bartlett Publishers. fev. 2008, p 15-18.
- CRUZ, Moniky. *et al. Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa*. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csc/2021.v26n4/1369-1380/>>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- FIGUEIRÓ, Mary. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. 2001. 317 f. Tese (doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2001.
- FOUCAULT, Michael. *Ética, sexualidade, política*. 3 ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2012, p 190-191.
- HABIGZANG, L. F.; RAMOS, M. DA S.; KOLLER, S. H. A revelação de abuso sexual: as medidas adotadas pela rede de apoio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. 4, dez. 2011.
- HINO, P. *et al.* Interfaces of vulnerability dimensions in violence against children. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 72, dez. 2019, p. 343-347.

LEITÃO, Consuelena.; BRELAZ, Igor; Práticas emergentes em psicologia: uma experiência de intervenção com slackline e tecido circense. In: CALEGARE, Marcelo e ALBUQUERQUE, Renan (Org.). *Processos psicossociais na Amazônia: reflexões sobre raça, etnia, saúde mental e educação*. Alexa Cultural: São Paulo, 2018, p 175-192.

MEDEIROS, R. M. V. *Território, espaço de identidade*. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 217-227.

MIRANDA, Ana. *Educação sexual e formação de professores/as: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases capes e ibict entre 2000 e 2020*. 2021. 104f. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, 2021.

MIRANDA, R. C. F.; BORTOLETO, M. A. C. O circo na formação inicial em educação física: um relato autoetnográfico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, n. 1, jan. 2018.

MORAES, Silvia. *et al. Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: uma Revisão Sistemática*. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-965669>>. Acesso em: 18 nov.2022.

NUNES, César; SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade*

para além da transversalidade. Campinas, SP, Autores Associados, fev. 2006, p 120.

OLIVEIRA, Aislan; SILVA, Clarice; FERRO, Luiz; REZENDE, Manuel. *Child sexual abuse and consequences in adult life: a systematic review*. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10484>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

SANTIAGO, Andreia. *Espacialização da criminalidade: um estudo sobre a relação entre densidade demográfica e violência em Manaus, AM*. 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado).Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

SILVA, P. Emoções e riscos nas práticas na natureza. *Revisão sistemática*, Motriz, Rio Claro, v.16 n.1, jan./mar. 2010, p.221-230.

SOMA, Sheila; WILLIAMS, Lúcia. *Avaliação de livros infantis brasileiros sobre prevenção de abuso sexual baseada em critérios da literatura*. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tpsya/jZtrDVXkWL8w5bSsNtqvL7Q/?lang=pt#>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

WEREBE, Maria. *Sexualidade, política e educação*. Campinas: Autores Associados, mai. 1998, p 149.

ZERBINATI, João.; BRUNS, Maria. *Sexualidade e educação: revisão sistemática da Literatura Científica Nacional*. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16602>>. Acesso em: 17 nov. 2022.